

# AMOR CONSENTIDO

---

A história de quem já derrubou a barreira da vergonha, do medo e da hesitação e venceu o silêncio. A história de quem vive com a homossexualidade, sem fardos nem arrependimentos.

---



---

ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, 2012

Reportagem de Cátia Matos, aluna nº 6681

Laboratório de Géneros Jornalísticos, turma E

Docente Ana Leal

**"M**ãe, sou gay!" A revelação surge em letras grandes e gordas e contrastam com a pequenez de todos os outros caracteres que repousam na página. É Filipe quem se assume perante o membro familiar que lhe é mais próximo.

Mas esta não é a história do Filipe. Esta é a história dos Filipes. É a história de quem já derrubou a barreira da vergonha, do medo e da hesitação e venceu o silêncio. A história de quem vive com a homossexualidade, sem fardos nem arrependimentos.

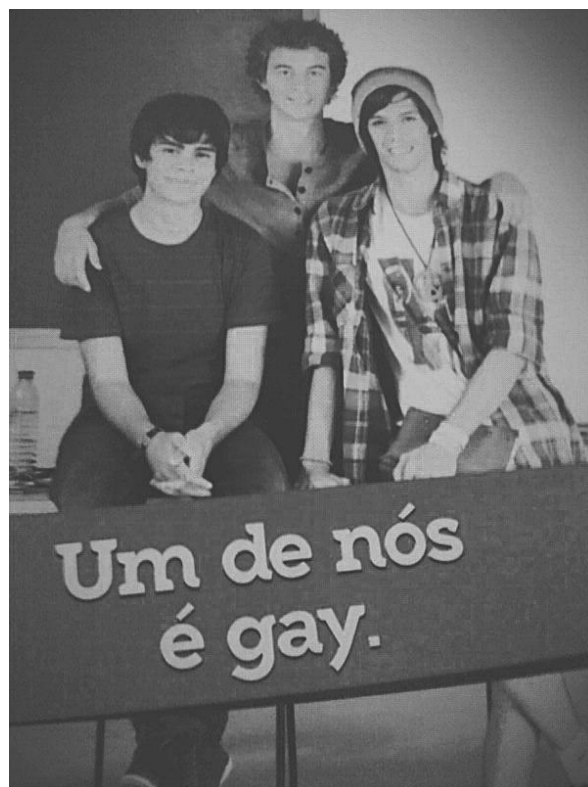
Desde muito novo que Pedro percebeu que era homossexual. "Podia não saber qual era o termo exacto mas sempre senti que era natural eu gostar de rapazes. Sempre me aceitei. Só me retraí pelos outros, nunca por minha causa". A primeira pessoa a quem se assumiu foi a uma amiga. Na altura Pedro era ainda jovem, tinha cerca de 15 anos. "Não lhe disse cara a cara, entreguei-lhe uma carta em mão". E nessa carta escreveu tudo o que sentia. Para a rapariga, a revelação foi

inesperada. "Quando as pessoas são muito próximas, estas revelações são como um golpe na barriga". Só passado algum tempo, e após ter-se assumido perante outros amigos, é que a mãe soube da verdade. Foi ela quem abordou o assunto e "deu o primeiro passo", conta Pedro. "Num almoço ela tentou perguntar-me indirectamente [se eu era homossexual] e eu, como não lhe queria mentir, apenas lhe disse que sim. Foi espontâneo".

O caso de Alexandre é diferente. A mãe não sabe directamente da sua boca de que o filho é homossexual, mas "desconfia". "As mães sabem sempre, mas não sinto necessidade de lhe falar. Eu deixo-a com os seus pensamentos".

Pedro tem hoje 28 anos e Alexandre 20. O primeiro estuda informática, já o segundo abandonou os estudos por falta de recursos financeiros. Os dois são coordenadores do grupo local de Cascais da rede exaequo, onde se conheceram.

Fundada em Abril de 2003, a rede ex aequo (<http://www.rea.pt/>) é uma associação nacional de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros (LGBT) e simpatizantes que trabalham na defesa dos direitos da juventude LGBT de Norte a Sul de Portugal. Nasceu de uma ação denominada Projeto Descentrar, lançado pela ILGA Portugal (*International Lesbian and Gay Association*), corria o ano de 2002. Os primeiros projetos foram a formação de grupos locais de jovens por todo o país e a criação de um fórum online de discussão que proporcionaria, de forma confidencial e segura, apoio e debate sobre os mais diversos temas, bem como o contacto entre jovens LGBT e o desenvolvimento de redes de amizade. O trabalho foi um sucesso e cresceu de tal forma que em 2003 o Projeto Descentrar dissociou-se da ILGA Portugal e deu lugar à rede ex aequo como hoje a conhecemos. O nome da associação provém do latim e significa «entre iguais». “É tudo escrito com letras minúsculas e sem hífen. A ideia é não haver distinção entre letras porque todas elas são iguais”, explica Pedro.



O grande objetivo da associação é “nada mais, nada menos do que lutar pelo justo reconhecimento das pessoas homossexuais, bissexuais e transgéneras a todos os níveis - pessoal, social, legal, político e jurídico”, diz Gonçalo Quinaz, também ele coordenador na rede ex aequo. Neste contexto é também muito importante investir na educação dos jovens, que Alexandre considera serem “um bom veículo”. Para além do fórum online e das reuniões (geralmente realizadas com uma periodicidade quinzenal pelos nove grupos locais do país), existem ainda outras actividades igualmente

importantes. É o caso do Projecto de Educação LGBT que se traduz em sessões de esclarecimento sobre a orientação sexual e identidade de género em escolas básicas, secundárias e faculdades. “Pretende-se fazer frente à desinformação e discriminação ainda vigente no campo da educação em Portugal em relação a este tema, que resulta na transmissão de informação incorreta, preconceituosa e estereotipada”, diz Andreia Pereira, psicóloga e coordenadora do projecto. O facto de todos os oradores serem LGBT ou simpatizantes “dá visibilidade e desconstrói por si só mitos, tanto dos alunos como dos professores”. Convicto



das suas ideias, o jovem Alexandre afirma: “temos que educar as pessoas”.

*"A mão da coordenadora da reunião repousou no meu ombro. Parecia-me que aquele toque leve retirava o peso que carregava. Limitei-me a ouvir. Era uma reunião de apoio, com gente de todas as idades. Ouvi muito mais do que imaginava possível",*

É com um brilho nos olhos e um sorriso tímido que Pedro recorda a sua estreia numa reunião da rede ex aequo: “Quando vim, no primeiro dia, não sabia o que esperar. Mas decidi arriscar. Tive um momento de recepção que me ajudou a relaxar um bocadinho”. Nélsion, um outro voluntário da associação que até ao momento tinha falado pouco, decide intervir. “Esse é um receio comum a todos os jovens que aqui aparecem pela primeira vez”. Nélsion ainda não se assumiu para a família. Por falta de coragem, talvez, ou pelo receio da reacção da mãe. Para si próprio está assumido, e para o mundo também: traz consigo, numa pulseira

de borracha, a Vida, o Poder, a Luz, a Natureza, a Arte e o Espírito; seis elementos mascarados pelas seis cores do arco-íris, símbolo da população LGBT, que representam a diversidade sexual humana.

A versatilidade é a palavra-chave no que se refere às reuniões dos grupos locais. Cada reunião tem um tema específico, a do *coming out* é aquela em que aparecem mais jovens. “Nas reuniões do *coming out* as pessoas saem muito entusiasmadas e é necessário um resfriamento de ideias. Queremos que as pessoas ponderem sobre esse passo. Nós até podemos ter a certeza de que eles [os pais] vão aceitar, mas não sabemos é qual é que vai ser a reacção. Será que vamos ouvir choros? Será que queremos fazê-los “sofrer” assim?”, questiona Pedro.

Também conhecido como a «saída do armário», o *coming out* é “um processo complexo de transformações interpessoais que culmina com o reconhecimento da orientação sexual do indivíduo”, explica Pedro Frazão, psicólogo e terapeuta familiar especializado no acompanhamento de

jovens homossexuais. “A investigação sobre o *coming out* de gays e lésbicas sempre esteve mais orientada para a idade adulta”, mas uma vez que “a idade média do *coming out* é cada vez mais precoce”, dirige-se hoje mais para a população adolescente. Os jovens têm conhecimento da sua orientação sexual cada vez mais cedo - por volta dos 12 anos, e o momento de se assumirem surge por volta dos “16 anos nas raparigas e de 15.6 nos rapazes”. Pedro Frazão acrescenta ainda que este processo de revelação “cria um sentimento de liberdade e honestidade no indivíduo e nas relações interpessoais que ele estabelece, nomeadamente com a família de origem”.

Pedro, coordenador da rede ex aequo, partilha da mesma opinião. “Primeiro temos de passar por uma fase virada para nós próprios, não sabemos ainda o que somos. Depois vem a tal fase externa. Não é só contar aos familiares e amigos, é também fazer uma vida plena como pessoa homossexual. E é importante não haver aquele conflito com a identidade”.

"**Q**ueria continuar a ser eu mesmo, mas parece-me que me perdi nas perguntas, nas hesitações e nos medos". Este é mais um dos muitos relatos intimistas narrados na primeira pessoa que constam no livro *Saber ao Certo*, cujo lançamento aconteceu no passado dia 15 de Maio, no Centro de Estudos Sociais (CES) de Lisboa, na semana em que se assinalou o Dia Internacional das Famílias (15) e o Dia Mundial Contra a Homofobia (17).

Filipe não tinha certezas asseguradas: não sabia quem era nem o que sentir. Estava confuso e desorientado. Mas quem é, afinal, o Filipe? "É uma personagem.

Não está aqui como uma só pessoa, mas sim a representar todos os jovens que se identificam com a sua história", diz Margarida Fonseca Santos, autora do conto. "Quis uma história pequena porque tem a possibilidade de ser lida de uma vez só e tem o efeito de chicotada". Essa chicotada a que se

refere trata-se na verdade de um alerta para levar jovens e adultos a reflectir sobre a temática da homossexualidade. Ouvem-se palmas, todos saúdam a autora. E de entre a plateia, uma mãe levanta-se. Um homem responsável pela cobertura fotográfica do evento oferece um microfone à mãe que vai falar. "Traduziu neste livro o sentimento de nós, mães". E senta-se novamente, devolvendo o microfone ao homem. Ele afasta-se e caminha seguro de si e com confiança, a confiança

"Podemos ter a certeza de que eles vão aceitar, mas não sabemos qual vai ser a reacção. Será que vamos ouvir choros? Será que queremos fazê-los "sofrer" assim?"

Pedro, 28 anos

necessária para envergar uma t-shirt com o desenho de três casais: um casal heterossexual e dois outros casais homossexuais. Por baixo dos bonecos lê-se a frase *amor é amor*.



A “violência dos silêncios” foi o “motor forte” para a escrita do conto. O livro surgiu em resposta a um desafio colocado por Margarida Faria, fundadora da Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual e Igualdade de Género (AMPLOS).

O número 13 da rua Eça de Queirós passa facilmente despercebido. A porta está aberta e quem lá entra não sabe o que esperar. O prédio é antigo, mas iluminado. A luz vem do exterior, do céu, da grande janela que se encontra no tecto do quinto andar. Uma luz de esperança e acolhedora, que contrasta com o barulho do ranger das velhas escadas de madeira. É no segundo andar que podemos encontrar a Associação para o Planeamento da Família (APF), que oferece também espaço para a sede da AMPLOS (<http://amplosbo.wordpress.com/>).

A AMPLOS e a rede ex aequo são parceiros de longa data. Foi através da associação para jovens que a socióloga Margarida Faria, com a ajuda do marido, decidiu formar uma associação para pais, cinco anos após ter descoberto que uma das suas filhas era

homossexual. “Tivemos esta ideia no Verão de 2009. Elaborámos um texto de apresentação das nossas ideias, efectuámos uma reunião com os jovens da rede ex aequo e fizemos a apresentação pública em Outubro desse mesmo ano”. Nessa apresentação estiveram presentes cerca de 70 pessoas, com pais incluídos. No total eram oito, hoje são mais de 30, e não só em Lisboa, mas também no Porto. Para além dos grupos de reuniões, que se têm alargado um pouco por todo o país, a associação conta ainda com ligações internacionais, nomeadamente com a América Latina e Espanha. Para 2013 está já agendada uma convenção no Perú.

À semelhança da rede ex aequo, os encontros entre membros permanecem até aos dias de hoje. “Aparecem sempre pais novos, pessoas que já nos contactaram por telefone ou por e-mail. Alguns aparecem de surpresa”. Mas nem todos os pais a quem a AMPLOS oferece apoio e ajuda participam nas reuniões e optam por ter “outro tipo de apoios mais individualizados”. A participação em

programas educativos onde se discutam questões ligadas à orientação sexual são “muito importantes para a transformação de atitudes dos pais em relação aos gays e às lésbicas”, alude o psicólogo Pedro Frazão.

No dia do lançamento do livro, a plateia era maioritariamente composta por mulheres, tendência que também se reflecte na composição do grupo das reuniões da AMPLOS. “É mais comum aparecerem mães”, confirma Margarida. Pedro Frazão tem uma explicação óbvia para esta questão: “60 a 80% dos jovens fazem o *coming out* à mãe”, valores que, no caso da figura paternal descem para metade (rondam os 30 a 65%). “Sabemos também que o *coming out* aos familiares segue o seguinte padrão: inicialmente é feito aos irmãos; depois às mães; e, finalmente, aos pais”, acrescenta o psicólogo.

Mas o que sente um pai ou uma mãe que vem pela primeira vez a uma reunião? “O que é comum a todos os pais é o receio da discriminação social”, conta Margarida. “Depois, dependendo das situações, há pais que sentem vergonha, há pais que se sentem profundamente chocados e em negação, há pais que vêm apenas tristes, há pais que vêm confusos. Uns vêm com muita necessidade de conhecer outros pais e contarem a sua história e outros vêm para ajudar outros pais, sem necessidade nenhuma de encontros, mas que aparecem porque sabem que são úteis”.

Como fundadora da AMPLOS, Margarida caminhou sob um trajecto diferente, até porque quando descobriu que uma das suas filhas era homossexual não havia em Portugal nenhuma associação comparável à sua.



Margarida deu-se conta da homossexualidade da filha de uma forma muito peculiar. Catarina tinha 16 anos e em casa convivia com uma estudante norte-americana de 17, vinda de um programa de intercâmbio. A jovem estrangeira encontrava-se apaixonada por uma rapariga espanhola, e estar em Portugal facilitava o contacto entre as duas. Mas a situação desenvolveu-se. “A miúda espanhola começou a enviar cartas e a seduzir a minha filha”, revela Margarida. Tudo isto se passou no espaço de um ano, e passou-se à vista dos pais. “Foi um momento muito difícil para mim. Percebi que a minha filha estava apaixonada, e portanto com certeza que era homossexual. O meu choque foi ver que tinha uma grande confusão em minha casa e que uma coisa que estava a correr tão bem – que era a recepção daquela jovem – de repente se tinha tornado num problema que já ninguém controlava”.

“Percebi que a minha filha estava apaixonada, e portanto com certeza que era homossexual. Foi um momento muito difícil para mim.”

Margarida Faria, fundadora da AMPLOS

A sociedade portuguesa encontra-se aparentemente mais aberta, mas há ainda muitos pais que optam por pensar que a homossexualidade está apenas associada a uma frase transitória, típica da adolescência. Para Margarida, esta fase da sua vida, e também da vida da sua filha é descrita como “um processo”. Desenganam-se aqueles que pensam que o próprio *coming out* diz somente respeito ao jovem, isto porque “a família também terá de o fazer. Há sempre coisas que estão por resolver. Até porque os filhos estão em diferentes fases. Uma coisa é saber, outra coisa é ver o filho a relacionar-se com uma pessoa do mesmo sexo”. Tal como todos os demais pais, Margarida também passou por diversas fases, desde o choque inicial até à aceitação. “Chegou uma altura em que [eu e o meu marido] pensámos «pronto, a nossa filha é homossexual e acabou» e aí ficámos muito mais tranquilos porque aquela

ambiguidade e toda aquela confusão foi aceite”. Entre mãe e filha nunca chegou a haver uma conversa séria sobre a orientação sexual de Catarina. “Ela escreveu-me um texto no computador, e era um texto muito cuidadoso, com uma certa ambiguidade mas bem escrito e muito querido”.

Foi por meio deste texto que a revelação formal surgiu. “Portanto nunca houve aquele abraço, como é comum após a conversa”, diz, com um sorriso na cara. Esse abraço ficou guardado para um dia ainda mais especial – o dia da apresentação da AMPLOS. “Ela deu-me imenso apoio e estava a braçada a mim”.

*"Perdeste o sono durante os dias que gastei a ensaiar a frase que te queria dizer? E não houve frase nenhuma. Só uma mão na minha cara, uma mão que agarrei, que puxei para mim. Um amor proibido afinal consentido, com sentido, sentido por nós dois."*

Duarte e João, dois casos idênticos. Quase se podia dizer que um é a réplica do outro, mas os dois nem se conhecem. A diferença de idades que os separa é de um ano: Duarte tem 31, João 32. Os dois são hoje assumidamente gays e

**42% DA JUVENTUDE LÉSBICA, GAY OU BISSEXUAL AFIRMA TER SIDO VÍTIMA DE BULLYING HOMOFÓBICO.**

**85% DOS JOVENS AFIRMA JÁ TER OUVIDO COMENTÁRIOS HOMOFÓBIOS NA SUA ESCOLA.**

Fonte: Projecto Inclusão, rede ex aequo

não têm qualquer problema em dizê-lo.

Tal como Pedro, Duarte sempre encarou a sua homossexualidade como “uma coisa natural”. Foi durante a

adolescência, por volta dos 16 anos, que começou a aperceber-se de que poderia ser gay. Nada lhe fez confusão, isto porque “já tinha uma atitude

Duarte, 31 anos

muito *open minded* (mente aberta) em relação às orientações sexuais”, diz. A prima, lésbica, foi a primeira a saber da sua homossexualidade.

Depois de ultrapassada a primeira barreira foi mais fácil assumir-se perante os amigos. “Uns foram-se apercebendo e a outros contei, pouco tempo depois de eu também me aperceber”. A revelação perante a família é que chegou mais tardiamente, só “alguns anos depois”.

Duarte não consegue especificar ao certo quanto tempo demorou a aceitação por parte dos familiares e amigos, lembra-se apenas de que “foi rápido”. Se uns amigos aceitaram rapidamente, outros, passado algum tempo, “ainda achavam que era uma brincadeira”, conta. “A sociedade fixa-se muito nos estereótipos. Muitas pessoas ainda acham que um homem homossexual é uma pessoa muito efeminada e que é suposto uma lésbica parecer-se com um homem. E vivi isso por experiência própria. Por ser um «gajo» normal, alguns amigos demoraram a acreditar na minha homossexualidade”.

Quando aos 13 anos João se apercebeu da sua orientação sexual, não sabia ainda bem o que pensar. “Foi um pouco confuso”, admite, isto porque “entrava em conflito com o que tinha estabelecido como normalidade”. Mas rapidamente tudo ficou resolvido na sua cabeça. Se tanto João como Duarte pudessem voltar atrás para se assumirem de um modo diferente, não o fariam. “Não tenho razões de queixa do modo como me assumi”, atesta Duarte. E João confirma: “fazia tudo da mesma forma.

Já Vera, de 38 anos, nunca sentiu necessidade de fazer uma declaração sobre a sua orientação sexual. “Vivo bem comigo e gosto de pensar que quem me rodeia também se sente bem comigo”. Pergunto-lhe se é feliz com essa decisão e com todas as outras que tomou e que fizeram dela a pessoa que é hoje. E é com uma alegria imensa espelhada num sorriso resplandecente que me responde “Muito”.